
O LEGADO DA CULTURA NEGRA: SAMBA E FUNK

Patricia Luisa Nogueira Rangel¹
Cristina da Conceição Silva²

RESUMO

Este presente trabalho tem por mote analisar o legado da cultura negra, como o samba e funk, atualmente, reconhecidos como Patrimônio Imaterial. Negros africanos escravizados, que chegaram ao Brasil, trouxeram consigo costumes e tradições, que sofreram com as tentativas de anulação, em função da imposição da cultura europeia. No entanto, por meio de táticas de resistência, a bagagem cultural dos negros, muitas vezes, ressignificada, contribuiu para que diversas manifestações culturais fizessem parte da formação do povo brasileiro, sendo duas delas nosso objeto de estudo: o samba, símbolo de brasilidade, após ferrenha perseguição; e o funk, “som de preto/ de favelado”, ainda vitimado pelo preconceito e discriminação.

Palavras-chave: Cultura negra. Samba. Funk

THE LEGACY OF BLACK CULTURE: SAMBA AND FUNK

ABSTRACT

This present work has as motto to analyze the legacy of black culture, such as samba and funk, nowadays, recognized as Immaterial Heritage. Black African enslaved, that arrived in Brazil, carried customs and traditions with themselves, suffered with the annulment tries, in function of the imposition of the European culture. However, with resistance tactics, the cultural baggage of black people, often, ressignified, contributed to a lot of cultural manifestations made part of the formation of Brazilian people, being two of them part of our object of study: the samba, a Brazilianity symbol, after persistent persecutions; and the funk, “som de preto/de favelado”, yet victimized by prejudice and discrimination.

Keywords: Black culture. Samba. Funk.

EL LEGADO DE LA CULTURA NEGRA: SAMBA Y FUNK

RESUMEN

Este presente trabajo tiene como enfoque analizar el legado de la cultura negra, como el samba y funk, actualmente, reconocidos como Patrimonio Inmaterial. Negros africanos esclavizados, que llegaron en Brasil, han traído los costumbres y tradiciones, que sufrieron con los intentos de nulidad, en función de la imposición de la cultura europea. Sin embargo, por medio de tácticas de resistencia, el bagaje cultural de los negros, mucha de las veces, ressignificada, contribuyó para que diversas manifestaciones culturales hiciesen parte de la sor aformación del pueblo brasileño, siendo dos de ellas nuestro objeto de estudio: el samba, símbolo de brasilidad, tras gran persecución; y el funk, “som de preto/de favelado”, aún victimado por el prejuicio y la discriminación.

¹ Mestrado em Letras e Ciências Humanas. Professora da rede pública do Município de Nova Iguaçu

² Doutorado em Humanidades Culturais e Artes. Professora da Uniersidade Cândido Mendes

Palabras clave: Cultura negra. Samba. Funk.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar o legado da cultura negra, que se preservou ao longo do tempo, através de manifestações culturais, como o jongo, capoeira, religiosidade, entre outros, no entanto, destacaremos o samba e o funk. A história do negro, desde o período colonial, não é marcada só pelo trabalho escravo, mas também pelas estratégias de manutenção de tradições e costumes, tendo a música e a dança como elementos que preservam a memória deste grupo étnico.

O samba surgiu, no século XIX, como cultura de negros, marginalizados socialmente, no entanto, com a participação da sociedade elitizada branca, além das transformações inerentes ao mundo globalizado, tornou-se símbolo de brasilidade. Da mesma forma, o funk, que surgiu no Rio de Janeiro no século XX, solidificou-se nas áreas periféricas, constituídas por negros e pobres, contudo sofre com o preconceito e discriminação. Logo, ambas as culturas são “som de preto/ de favelados”³. O presente artigo está dividido em três seções, em que a primeira tratará da cultura negra como grande influenciadora nas manifestações culturais da sociedade brasileira, tendo por denominação *Cultura negra: um rico legado para a sociedade brasileira*. A segunda parte, *Samba: memória dos ancestrais*, trará considerações sobre o samba e a sua importância para conservação da tradição dos ancestrais. E por fim, a terceira seção, *Funk: cultura de negros e pobres*, abordará sobre um novo movimento cultural que surgiu no Rio de Janeiro na década de 1970, que teve como adeptos, na sua maioria, negros e pobres, moradores do subúrbio/ periferia.

CULTURA NEGRA: UM RICO LEGADO PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA

A herança cultural, que o povo brasileiro usufrui nos dias atuais, foi deixada pelos primeiros negros africanos que chegaram ao Brasil para serem escravizados. Conforme Santo (2011), não tem como desvincular a cultura negra do Brasil com o passado africano de outrora, uma vez que culturas de origem milenar não se apagam dando lugar a outra, como substituta. O autor ainda explica que o Secretário Arquidiocesano em Luanda, Angola, Raul Ruiz de Asuá Altuna, em 1905, declarou que a África negra e o bantu conservaram uma cultura milenar, que precisa ser conhecida, defendida e desenvolvida a ponto de estar à disposição de inovações.

Os negros escravizados, embora fossem retirados do mesmo continente, eram dotados de particularidades próprias de seus povoados, como língua e costumes. Ao serem capturados na África foram separados de familiares e amigos, tendo, portanto, seus vínculos afetivos, sociais e culturais rompidos. No entanto, diante de uma situação nova, a qual se encontravam, surgiu a necessidade de uma nova organização social, a fim de, num lugar novo, conseguissem se reestruturar e manter valores e referenciais culturais.

Este processo de adaptação num novo sistema, em que estes negros eram vistos como mercadoria, equiparados a tecidos, especiarias etc., e tratados como tais, manter uma identidade cultural, como religiosidade, dança, canto, entre outras, diante da tentativa de aculturação por parte dos brancos europeus, tratava-se de um desafio. Contudo, estratégias de resistência foram imprescindíveis para a sobrevivência e manutenção das tradições africanas. Segundo Mattelart & Neveu (2010), resistência é a tentativa dos dominados alcançarem o reconhecimento social e cultural, através de estratégias que funcionam como obstáculos à dominação, porém esse processo ocorre a partir da convivência entre os dois grupos, dominantes e dominados.

O dia a dia dos negros, no período colonial, no trabalho ou nas folgas, tinha como uma das características a música, tanto na língua natal como na língua que os escravizados adaptaram para viver e socializar nas novas terras. Eram estas cantorias que, muitas vezes, aliviava o peso da carga durante o trabalho, além de revigorar e alegrar, apesar de todo sofrimento. Segundo Cascudo (1971, p. 61), os negros carregavam objetos pesados “pendurando-os por meio de um par de correias naqueles paus nos ombros de dois deles, levando em seguida, ao seu destino”, contudo, quando se tratava de uma carga muito pesada, a colaboração de outros era imprescindível e a cantoria curta e simples em grupo de quatro, seis ou mais homens, permitia uma uniformidade nos passos.

No que se refere ao canto, os escravos do Rio sempre que trabalhavam, seja em casas ou como carregadores e demais atividades na rua, estavam cantando em sua língua natal ou do na língua continente em que se encontravam, quando não cantavam em grupo. Quando em grupo, tinha um que apresentava características do cantor principal, e os demais o acompanhava, com um tipo de refrão, o que era acompanhado por palmas e algumas vezes por instrumentos (SILVA; ROCHA, 2016, p. 83).

A música e a dança se constituíram elementos importantes para que houvesse a manutenção e transmissão de saberes e recuperação de memórias no território brasileiro. Além disso, a música desempenhava a função de traduzir as emoções e angústias que o negro sentia, como as dores, os lamentos, as tristezas e as alegrias, que eram sempre

cantadas.

Santo (2011) explica que diversos ritmos africanos, profanos ou sagrados, foram transplantados para o Brasil, consolidando em áreas centrais, onde a economia era ativa, como Salvador e arredores. Alguns desses ritmos centrados na cidade de Salvador, Bahia, encaminharam-se para se concentrarem na corte do Rio de Janeiro, como o samba, que se tornou música primordial dos escravos urbanos.

SAMBA: MEMÓRIA DOS ANCESTRAIS

Atualmente, o samba carioca é registrado no IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em outubro de 2007. Todavia, esse ritmo musical foi marginalizado por muito tempo, logo os sambistas sofriam com a repressão policial. O sambista João da Baiana, frequentemente, tinha seu pandeiro confiscado ou quebrado pela polícia, até que um dia⁴ não pôde tocar em uma festa do ilustre Senador Pinheiro Machado por ter sido preso na Festa da Penha por estar com um pandeiro. Vianna (2012, p. 114) comenta que “O toque do pandeiro era reprimido por policiais e, ao mesmo tempo, convidado a animar recepções de um Senador da República”. Diante do ocorrido, o Senador presenteou João da Baiana com um pandeiro novo e uma dedicatória e sua assinatura: “a minha admiração João da Baiana”. Assim sendo, toda vez que o sambista era abordado pelos policiais, mostrava o presente assinado e nunca mais foi importunado.

Outro fato interessante acerca da perseguição aos sambistas era que, quando um negro, na sua maioria, era detido por vadiagem, os policiais observavam se as pontas dos dedos tinham calos, que indicava que o homem tocava violão. Segundo Donga, “era pior o que ser comunista”. João Gilberto no seu samba “Pra que discutir com Madame” (1987) faz registro do pensamento da classe elitista da sociedade em relação ao samba:

Madame diz que a raça não melhora
Que a vida piora por causa do samba,
Madame diz o que samba tem pecado
Que o samba é coitado e devia acabar,
Madame diz que o samba tem cachaça, mistura de raça mistura de cor,
Madame diz que o samba democrata, é música barata sem nenhum valor,
Vamos acabar com o samba, madame não gosta que ninguém sambe Vive
dizendo que samba é vexame
Pra que discutir com madame...

(JOÃO GILBERTO, 1987)

De acordo com Silva (2013), o samba é o reflexo de estratégias de resistência ao longo dos séculos pelos negros escravizados e seus descendentes. Portanto, consiste na

preservação de saberes culturais que foram passados de geração a geração, de forma que, através da oralidade dos ancestrais, a identidade de um grupo foi preservada.

No que tange a cultura do samba, essa se constitui a força de muita resistência, tendo em vista as suas danças e batucadas, que aos olhos e ouvidos de determinados grupos, desde primórdios de sua manifestação, eram vistas como bárbaras e incivilizadas. Todavia, esses grupos resistiram a tais perseguições através das relações estabelecidas nos espaços de moradias, de trabalho e vizinhança, fato que se deu no final do século XIX a, aproximadamente, quinta década do século XX (SILVA; RANGEL, 2017, p. 15).

O samba é uma cultura negra, predominantemente, carioca, que fora influenciada pelos negros baianos, pois, com a abolição dos escravos, os negros no Rio de Janeiro juntamente com as experiências dos migrantes oriundos de Salvador, como aprendizagem de ofícios urbanos, religiosidade, festividades, entre outros, permitiram que a cultura negra passasse por um processo de transformações.

Sodré (1998) comenta que famílias baianas, final do século XIX, ao chegarem ao Rio de Janeiro, foram morar no bairro Saúde, espalhando-se com o tempo pela zona, conhecida como Nova Cidade. A socialização entre as famílias baianas e cariocas provocou troca de saberes, principalmente, através da oralidade musical. As crianças afrodescendentes, pela convivência com os mais velhos, em especial as Tias (líderes femininas religiosas que acolhiam as crianças enquanto suas mães trabalhavam), usufruíram dos conhecimentos da cultura negra.

Na região da Nova Cidade, a casa da baiana Tia Ciata, Hilária Batista de Almeida, se destacou pela promoção do samba carioca, uma vez que na sala de residência ocorria samba de partido e de rodas de batuque. Silva e Rangel (2017) comenta que batuque é mais do que ritmo, pois consiste na conservação da tradição da cultura afro-brasileira.

Ao longo da trajetória do samba na sociedade, este passou a fazer parte da cultura carioca, deixando de ser unicamente uma manifestação cultural de negros e pobres, que residiam nos morros e subúrbio, conforme Silva et al. (2014). A ascensão das escolas de samba e “o uso político ritmo para definir a etnia brasileira, atraíram músicos da classe média, o que deram ao samba notoriedade e prestígio para grande parte da sociedade” (SILVA; RANGEL, 2017, p. 18).

No entanto, o samba, cuja raiz vem do negro, possibilita dar voz aos que por muito tempo viveram em silêncio. Apesar da classe média e alta ter interesse nesta manifestação cultural, é a temática de quem está à margem que fica evidenciada, como o cotidiano, a sensibilidade, as lutas, dentre outros, como se observa no samba “Identidade” de Jorge

Aragão, que aborda a questão do racismo velado e a luta pela dignidade e respeito pela identidade dos negros, bem como sua cultura.

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai...
Quem cede a vez não quer
vitória Somos herança da
memória Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história...
Se o preto de alma branca pra
você É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade...

(JORGE ARAGÃO, 2012)

Assim sendo, o samba é muito mais do que um ritmo musical da cultura negra, representa tradições, costumes da ancestralidade negra, que fora escravizada e, após a abolição, colocada à margem, e que, ainda hoje, sofre com as marcas do passado. No entanto, como o samba, surgiu na década de 1970, um ritmo que, por possuir características da cultura negra, também foi e ainda é vítima do preconceito e discriminação – o funk.

Funk: cultura de negros e pobres

O missionário Raul Ruiz de Asuá Altuna, conforme Santo (2011), comenta que as culturas devem se tornar múltiplas e, através do tempo, criativas e dinâmicas, acompanhando as instabilidades dos grupos sociais. Hall (1999) explica que a identidade não é fixa ou permanente, mas transforma-se constantemente, influenciados pelo sistema cultural que a rodeia.

Nessa perspectiva, o funk surge como uma cultura de negros e pobres, como cantava Amilcka e Chocolate, “é som de preto/ de favelado...”³. O ritmo importado dos Estados Unidos chegou ao Brasil, inicialmente, na zona sul, em Botafogo/ RJ, com o “Baile da pesada”⁴ na casa de show Canecão, migrando para o subúrbio/ periferia e sendo assimilado pelos moradores, que promoveu ressignificações. Silva & Rangel (2017) comentam que a influência da cultura negra, tanto no ritmo como na dança, contribuiu/ contribui para que houvesse rejeição da classe dominante, que define o que deve ser

³ “Som de preto”

⁴ Big Boy e Ademir Lemos promoviam os “Bailes da pesada”.

culturalmente válido, desprezando manutenção de tradições e costumes afros, principalmente, pelos pobres e negros.

Santo (2011) comenta que a presença dos negros africanos e seus batuques transformavam Salvador e as províncias do litoral, região da sede do governo imperial⁵, em “grande tambor”. O tambor é um instrumento tipicamente africano, de forma que o ritmo adquirido com o uso desse instrumento pelos vários grupos de negros apresentava uma ressonância tamanha, a ponto da cidade ser comparada a um grande tambor.

Nesse sentido, o funk, como cultura influenciada pelos ancestrais africanos, também possui a batida do tamborzão, no entanto, reproduzida através de meios eletrônicos com o uso da tecnologia. Consiste em sons percussivos repetitivos na bateria eletrônica modelo R-8. Silva e Rangel (2017, p. 48) expõe que a “percussão do atabacão (tamborzão) segue as modificações inerentes no mundo, que está em constante transformação, de forma que esse som se alia à tecnologia, dando aspecto de discotecagem”.

O tamborzão se tornou batida-base para muitas composições e inclusive temática para muitos funks, como o “Tamborzão tá rolando” de Mc Koringa.

...O tamborzão ta
rolando E as minas
vão descendo Até o
chão, até o chão
Tamborzão rolando
solto
E as minas vão descendo até o
chão Ao som do tamborzão, ao,
ao...

(MC KORINGA, 2012)

De acordo com Rangel et al. (2014), o movimento funk está relacionado à convivência e valorização da cultura negra, que, ao importar o ritmo dos negros americanos, incorporou características próprias, transformando o funk carioca em um movimento com um legado histórico da cultura negra.

Por fim, como resultado de muitas táticas de resistência, vem o reconhecimento legal, em que o samba é considerado Patrimônio Imaterial do Brasil e o funk considerado Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro, sendo a dança em conexão com o corpo e o ritmo na música são instrumentos de representação de um estilo de viver e interpretar o mundo (RANGEL et al., 2014, p. 145).

A relação entre a música e o corpo é influenciada pela diáspora africana,

⁵ A transferência da Sede do governo imperial de Salvador (Bahia) para o Rio de Janeiro ocorreu em 1763.

principalmente na cultura popular. Rangel (2014) comenta que, para os negros africanos, o ritmo e a dança são elementos indissociáveis, fundamental para a manutenção das tradições ancestrais e religiosidade.

A dança e o rebolar e a sensualidade do corpo estão refletidas nos movimentos culturais dos tempos atuais, oriundos das tradições africanas. Como acontecem no samba e no funk: “Não mais o requebro de quadris e o meneio de ombros qual a parte superior e a parte inferior do corpo se tornam quase independentes uma da outra, o que também é tipicamente africano” (SOUZA, 2006, p. 138).

Ainda no funk “Tamborzão tá rolando” de Mc Koringa, há relação entre o ritmo e a dança:

Ela tá
dançando,
Ele tá
dançando,
Ela tá dançando no embalo do meu som
Ritmo envolvente quando toca geral sente o tamborzão...
(MC KORINGA, 2012)

Enfim, o ritmo baseado nas tradições africanas propicia e estimula a dança, não deixando os ouvintes numa passividade, mas promovendo o requebrar dos quadris e ombros. A partir do exposto, o tamborzão e a dança, verifica-se que o funk possui uma relação muito estreita com cultura negra.

CONCLUSÃO

A cultura negra se manteve no cenário brasileiro, principalmente, pela transmissão oral da ancestralidade, tendo a música com forte influência na socialização de saberes. E interligado ao ritmo existe a dança, sendo que o corpo fala e está inserido na história e a representando. São várias manifestações culturais influenciadas pelas tradições, mas o artigo em questão considerou o samba e o funk.

O samba, tal como hoje conhecemos, surgiu no século XIX, é um ritmo que serviu e ainda serve como meio de comunicação, de compartilhamento de experiências, de forma que contribuiu muito para a construção da identidade cultural brasileira. O que explica ter o samba como símbolo de brasilidade. Por sua vez, o funk, movimento cultural do século XX, como várias manifestações da cultura negra - o samba, jongo, capoeira e outros, sofreu muitas tentativas de anulação, mas está conseguindo espaço na sociedade, a ponto de em 2007 ser considerado Patrimônio Imaterial do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Unicamp, São Paulo, 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. Gráfica Urupês, São Paulo, 1971.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Parábola Editorial: 2010.
- SANTO, Spirito. *Do samba ao funk do Jorjão: ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um samba chamado Brasil*. Petrópolis/ RJ: KBR Editora digital, 2011.
- SILVA, Cristina da Conceição. **O samba no Rio de Janeiro: elementos socializadores dos grupos étnicos nos quintais de Madureira e Oswaldo Cruz**. UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, 2013.
- SILVA, Cristina da Conceição; RANGEL, Patrícia Luisa; ROCHA, José Geraldo. **Culturas Negras - Patrimônio Carioca: do batuque do samba ao batuque do funk e o Rio em cena no cenário brasileiro**. Revista Magistro, Vol. 9 Num.1, 2014.
- SILVA, Cristina da Conceição; ROCHA, José Geraldo. Samba expressão cultural afrocarioca: o que contam os sambistas de Madureira e Oswaldo Cruz sobre os festejos em seus quintais. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, Número 41, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Patricia/Downloads/2079-10094-1-PB.pdf>. Acesso em 20.11.2017.
- SILVA, Cristina da Conceição; RANGEL, Patrícia Luisa. **Do batuque do samba ao batuque do funk: culturas negras, suburbanas, cariocas**. Rio de Janeiro: Autografa, 2017.
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Mauad Editora Ltda, 1998. SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.
- RANGEL, Patricia Luisa Nogueira. **As representações identitárias do Funk na Baixada**. Dissertação (mestrado em Letras e Ciências Humanas) – UNIGRANRIO: Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://w2.files.scire.net.br/atrio/unigranrioppplch_upl//THESIS/33/dissertao_para_cd_e_pdf_com_assinatura.pdf. Acesso em 25. 11. 2017.
- RANGEL, Patrícia Luisa; SILVA, Cristina da Conceição; COELHO, Patrícia Ferreira. **A dança do samba e do funk: cultura étnica de expressão corporal entre homens e mulheres na cidade carioca**. Anais do Coninter, nº 3, V. 17, 2014. Disponível em: <http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2017/10.%20RANGEL%20SILVA%20COELHO.pdf>. Acesso em 25.11.2017.
- VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.